



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 25 de novembro de 2012

A CRITICA	
sim & não	1
OPINIÃO	
AMAZONAS EM TEMPO	
ZFM: o alerta de Petronio Pinheiro - parte I.....	2
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS	
Indústrias estão menos exigentes nas contratações.....	3
ECONOMIA	

sim & não

ICMS 1 O senador Eduardo Braga anunciou, no programa de rádio dele de ontem, que reunirá nesta terça-feira, em Brasília, com os ministros Guido Mantega e Ideli Salvati para tratar da reforma do ICMS.

ICMS 2 Braga disse que vai conversar com uma série de senadores líderes da base aliada do Governo Federal para atrair apoiadores ao Amazonas. Na lista, citou: Renan Calheiros, Walter Pinheiro, Gim Argelo, Francisco Dorneles, Delcídio Amaral e José Pimentel.

✘ Uma matéria publicada no caderno Mercado da Folha de São Paulo de ontem, aparentemente inocente, mostra o quanto os paulistas monitoram o desenvolvimento econômico no Amazonas. A isenção fiscal, garantida pela Constituição ao Estado, é colocada como fator para desconcentração do PIB para a região Norte.

✘ Cotada nos bastidores para assumir a Seas, a vereadora não eleita Glória Carraite (PSD) se animou com a ideia. “Estou à disposição e preparada”.

✘ De todas as vezes que teve que substituir Amazonino Mendes na Prefeitura, essa foi a primeira em que Isaac Tayah de fato sentou na cadeira do prefeito. Diz ter passado imune ao poder.

ZFM: o alerta de Petronio Pinheiro - parte I

“Ainda estamos exportando castanhas em amêndoas, guaraná em semente, cacau, madeira, sem qualquer grau de beneficiamento”.

Num momento em que a Zona Franca de Manaus se vê, a cada atrito da guerra fiscal entre os estados, fustigada pelos interesses industriais do Sudeste, e enfraquecida pela debilidade de sua infraestrutura, o discurso profético do empresário Petronio Augusto Pinheiro, proferido há quase três décadas, quando recebeu o Prêmio de Empresário do Ano, soa atual, provoca e convoca uma mobilização inadiável para avaliar e planejar a socioeconomia regional à luz de nossa vocação de biogócios, e oportunidades cunhadas pelo paradigma da inovação. Falecido em novembro de 1998, Petronio é filho de migrantes do Ceará, de um Nordeste que nos descreve e nos empurra historicamente para as promessas de prosperidade, desde o Ciclo do ouro branco que a seringueira jorrou com generosidade. A saga da família Pinheiro percorreu o glamour das folhas do látex, as agruras da estagnação com a debacle da borracha e a determinação da resistência, dos heróis anônimos que reinventaram a Amazônia, a despeito da timidez e fugacidade das ações do governo federal.

Aluno dos salesianos, onde reforçou, na exortação diária do Omnia vincit labor, “O trabalho vence tudo!” a convicção atávica que impulsionou a migração e a obstinação cearense, Petronio iniciou sua trajetória profissional como “office-boy” - juntamente com o companheiro de toda a vida, José Ribamar Bentes Siqueira, o Categoria e seu irmão Alfredo Jacaúna - na Associação Comercial do Amazonas, onde

conheceu Cosme Ferreira Filho, um visionário cearense que aqui chegou criança e permaneceu até o fim de seus dias, e que fundou a Companhia Nacional de Borracha, de Plantações e de Guaraná, na convicção das potencialidades da biodiversidade amazônica. Ele teve em Petronio um discípulo, um servidor, depois sócio e companheiro de luta pela transformação do Amazonas. “Foram 27 anos de amizade com a oportunidade de assimilar toda uma filosofia de trabalho, voltada para a racionalização da produção de nossas principais espécies econômicas, visando a sua industrialização final no Estado”, (...) “... um eminente e consagrado amazonólogo, Cosme Ferreira Filho, antes de chefe, um autêntico mestre, orientador dos mais jovens, a quem o Amazonas tanto deve

Naquele momento, a Associação Comercial era uma verdadeira agência promotora de negócios, referência de informações, suporte, articulação institucional, estímulo do fomento e da proteção da atividade comercial e do extrativismo agro-industrial. Quem hoje percorre a Alameda Cosme Ferreira, na Zona Leste, em direção à Colônia Antônio Aleixo, se depara com os ensaios de cultivo racional de castanheiras, seringueiras, entre outras espécies da ousadia e fé desses empreendedores da heroica resistência. Moisés Israel, Antônio Simões, Osmar Pacífico, Samuel Benchimol e seu irmão, Mário Guerreiro, Isaac Sabbá, entre tantos que vislumbraram a vocação natural de negócios que a floresta propicia, desde a *Hevea brasiliensis*, uma única espécie do acervo biótico que respondeu por 45% do PIB do país por três décadas.



**Alfredo MR
Lopes**
Filósofo e consultor
ambiental

“

Falecido em novembro de 1998, Petronio é filho de migrantes do Ceará, de um Nordeste que nos descreve e nos empurra historicamente para as promessas de prosperidade

Indústrias estão menos exigentes nas contratações

Setor tem dificuldades em admitir profissionais de todos os níveis

TEXTO Daisy Melo

ILUSTRAÇÃO Júnior Lima

MANAUS

Com o mercado carente de profissionais qualificados, a indústria do Amazonas tem reduzido o nível de exigência para as contratações, o que, para alguns, é um comportamento arriscado. Levantamento da Coordenadoria de Relações do Trabalho e Emprego mostra que montagem e mecânica são, hoje, as áreas de nível Técnico e Superior, respectivamente, com maiores demandas.

“Constatamos que há carência de mão de obra com qualificação, por isso as empresas ficaram mais flexíveis, passaram a preparar trabalhadores pagando cursos”, disse o vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), Nelson Azevedo. A carência existe em todos os níveis e áreas como Engenharia, Controladoria, Contabilidade e Recursos Humanos.

Essa tendência é prejudicial para o setor na opinião do diretor da Masa da Amazônia, Oci-

mar Melloni. “Aqui não temos diminuído o nível das exigências. Isso é perigoso”, afirmou. Entre as ‘sérias consequências’, diz o executivo, estão a falta de retorno de investimentos, aumento da folha de pagamento e redução da competitividade da empresa. “Estamos concorrendo com o mundo e não com empresas locais. Temos que ser melhores que os importados”.

A menor exigência pode resultar, ainda, em gastos extras, diz Luciana Jacob, diretora-executiva da Singulari, empresa de consultoria empresarial. “Vai exigir treinamento, o que demora e tem custo maior”.

A presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos no Amazonas (ABRH-AM), Elaine Jinkings, concorda com a ideia de riscos à competitividade. “O tempo de treinamento não é menor que 90 dias e o empresário está pagando uma pessoa que pode não empregar os resultados que se espera”, disse. Para ela, o melhor é preparar os talentos internos. “É o mais barato e viável. E os funcionários enxergam que estão sendo valorizados”.